

Abdlehafid Hammouche*

ALTERIDADES URBANAS E DUPLA CONTEXTUALIZAÇÃO O EXEMPLO DOS BAIRROS DE WAZEMMES EM LILLE (FRANÇA) E DE IRACEMA EM FORTALEZA (BRASIL)

RESUMO

Este artigo ocupa-se das dinâmicas urbanas de dois bairros, um em Lille, o outro em Fortaleza e é baseado numa investigação levada a cabo desde 2011. O objetivo é contribuir, através de uma dupla contextualização, para a compreensão dos processos através dos quais estes lugares anteriormente desqualificados ou classificados como “sensíveis” se tornam lugares valorizados. A perspectiva é captar o mais minuciosamente possível o uso político e social da cultura enquanto suporte, quando a ação pública assume a vocação de melhorar o viver em comunidade, partindo da hipótese de que o embelezamento desses espaços urbanos condiciona, na prática, as relações de alteridade. A primeira parte mostra como o bairro de Lille se transforma fisicamente e sobretudo como se multiplicam as iniciativas culturais. A parte seguinte analisa as relações de alteridade nesse tipo de contexto a partir, por um lado, de observações e, por outro lado, de entrevistas concebidas para ter em conta as trajetórias das pessoas, com a finalidade de questionar a construção social, a gestão pública e a eventual reconsideração da alteridade. Na última parte, a análise é enriquecida pelo paralelismo parcial estabelecido com a dinâmica do bairro brasileiro que conhece igualmente mudanças significativas. Palavras-chaves: cidade, dinâmicas urbanas, Alteridade

ABSTRACT

This article deals with the urban dynamics of two districts, one in Lille, the other in Fortaleza and is based on research carried out since 2011. The aim is to contribute, through a double context, to understand the processes by which these places previously disqualified or classified as “sensitive” become valued places. The perspective is to capture the most detail possible political and social use of culture as a support when the public action takes the vocation to improve the

*Sociólogo, professor do ensino superior na Universidade de Lille1, depois de ter sido professor na Universidade de Lyon 2. Os seus trabalhos têm incidido em diversos domínios (migrações, ação pública, dinâmicas urbanas), favorecendo sempre uma orientação comparativa internacional. Os seus interesses atuais centram-se nas dinâmicas sociais e na ação pública no espaço urbano (dispositivos locais de ação pública relacionados com a política da cidade ou com as políticas culturais) depois de ter trabalhado sobre a família em situação migratória (casamento, casal, relações entre gerações e relações de género, comprometimento público). A investigação que coordena desde 2010 implica investigadores franceses, brasileiros, japoneses e inscreve-se numa sociologia da cidade para questionar a urbanidade e a governação dos espaços urbanos. O objetivo é esclarecer os modos de viver a cidade e os sistemas de ação para a governar desenvolvendo uma abordagem comparativa que permita analisar as dinâmicas sociais nos espaços emblemáticos de cidades como Lille (França), Fortaleza (Brasil) e Yokohama (Japão).



living in community, on the assumption that the beautification of these urban spaces conditions in practice, relations otherness. The first part shows how the Lille neighborhood physically transforms and especially as multiply cultural initiatives. The following analyzes the relationships of otherness this type of context from, on the one hand, observation and, on the other hand, interviews designed to take into account the trajectories of people, in order to challenge the social construction, management public and the possible reconsideration of otherness. In the last part, the analysis is enriched by the partial parallel drawn with the dynamics of the Brazilian neighborhood that also knows significant changes.

Keywords: city, urban dynamics, Otherness

RÉSUMÉ

Cet article porte sur les dynamiques urbaines de deux quartiers, l'un à Lille, l'autre à Fortaleza et se fonde sur une recherche menée depuis 2011. L'objectif est de contribuer par une double contextualisation à la compréhension des processus par lesquels ces lieux antérieurement dévalués ou qualifiés de « sensibles » deviennent valorisés. La perspective est de saisir le plus finement possible l'usage politique et social de la culture en tant que support, lorsque l'action publique se donne pour vocation d'améliorer le vivre ensemble et en faisant l'hypothèse que l'embellissement de ces espaces urbains conditionne les rapports pratiques d'altérité. La première partie montre comment le quartier lillois se transforme physiquement et surtout comment se multiplient les initiatives culturelles. La partie suivante analyse les rapports d'altérité dans un tel contexte à partir d'observations d'une part, et d'entretiens conçus pour prendre en compte les trajectoires des personnes d'autre part, afin d'interroger la construction sociale, la gestion publique et l'éventuelle reconsidération de l'altérité. Dans la dernière partie, l'analyse s'enrichit d'une mise en parallèle partielle de la dynamique du quartier brésilien qui connaît également de sensibles changements.

Mots-clés: Ville, dynamiques urbaines, Altérité

Abdlehafid Hammouche

ALTERIDADES URBANAS E DUPLA CONTEXTUALIZAÇÃO O EXEMPLO DOS BAIRROS DE WAZEMMES EM LILLE (FRANÇA) E DE IRACEMA EM FORTALEZA (BRASIL)¹

Uma redefinição das relações de alteridade pelas transformações urbanas?

Numerosos bairros populares antigos, próximos dos centros das grandes metrópoles contemporâneas, conhecem desde os anos 1960 o que se convencionou chamar de gentrificação (Bassand M., Kaufmann V., Joye D., 2007), para significar que as classes médias estão mais presentes em detrimento das classes populares e que os equipamentos industriais (ateliers,

1 Para Iracema, além da pesquisa documental, efetuei observações regulares desde 2006, de acordo com as minhas estadas dedicadas à minha anterior pesquisa em Fortaleza sob o tema (A autoridade educativa), no quadro de um inquérito conduzido com a ajuda de colegas da UFC, da UECE, bem como dos doutorandos de Paris 3 e de Lyon 2. Estas observações não estavam orientadas para as relações de alteridade tal como questionadas aqui mas para as relações de geração e particularmente sobre as crianças ou adultos ajudados pelos educadores. Permitiram-me familiarizar-me com este bairro bem como com o do Centro e acompanhar as transformações evocadas neste artigo.

Este inquérito faz parte de um dispositivo de investigação delineado como uma abordagem comparativa internacional sobre as evoluções dos bairros deste tipo, investigação que coordeno, implicando Kadma Marques (Universidade de Estado do Ceará, Brasil) para o bairro de Iracema em Fortaleza no Brasil, Shintaro Namioka (Universidade Meiji Gakuin, Yokohama, Japão) e Yukiko Tsujiyama-Itoi (Universidade Kyoritsu, Tokyo) para o bairro Kotobuki em Yokohama no Japão, Sonia Vidal (Universidade de Lille 1, França) para os bairros de Wazemmes e Moulins em Lille.



empresas) e comerciais dão lugar a um outro habitat e a outros serviços². Condicionados pelas lógicas imobiliárias e pelas políticas públicas, estes espaços não conhecem, no entanto, este processo de forma idêntica, e alguns beneficiam de uma valorização estética acompanhada de manifestações culturais mais numerosas e de uma presença acrescida de artistas.

É este tipo de transformação que se pretende questionar em dois bairros, um em Lille e outro em Fortaleza, para caracterizar, a partir de uma investigação levada a cabo desde 2011 e ainda em curso, a dinâmica urbana em cada uma destas duas cidades³. Estes bairros são hoje valorizados pelos discursos dos diversos atores locais e pelos investimentos ou os trabalhos que transformam o seu aspeto físico. Sem se tornarem os belos bairros dos centros da cidade dos quais estão próximos, tendem a ser descritos como lugares de cruzamentos sociais e culturais harmoniosos. As atividades e o povoamento diversificam-se no bairro de Lille que incarna, de acordo com os seus promotores, um sucesso no que diz respeito à miscigenação social tão pouco definida como procurada desde os anos 1970 no parque social francês. Wazemmes é, com efeito, apresentado como um espaço cosmopolita em que a “diversidade” é bem vivenciada, e beneficia de uma ação pública em diversos domínios, nomeadamente no que toca ao registo social e cultural⁴. No período recente, o bairro conheceu uma inversão de apreciação: associado à delinquência e à imigração nos anos 1970, é valorizado desde o ano 2000 enquanto espaço de interculturalidade. Quanto a Iracema, o bairro brasileiro, subsistem poucos traços da pesca dos seus primórdios, e a vocação turística tem-se afirmado mais com novos espaços e equipamentos. A extensão em curso de ordenamento prolonga uma praia já investida pelos turistas dando origem a apreciações ambivalentes de acordo com os

2 Um grande obrigado a Maurice Blance e a Julien Zeppetella pela releitura atenta e pelas suas sugestões.

3 No que diz respeito à metodologia, ver o quadro 2 em anexo.

4 Ver, em anexo, o quadro 1 sobre a ação pública relativa a este tipo de espaço urbano em França.

meios sociais. A praia estende-se por Beira Mar, uma avenida atrativa com o seu lote de hotéis e de comerciantes, beneficiando de grande atenção por parte dos poderes públicos para torná-la segura. É em parte desacreditada por aqueles que dela fogem e evitam, nomeadamente aos fins de semana, as famílias de meio popular, as barracas e outros estabelecimentos onde se tecem encontros entre turistas e prostitutas, as “caçadoras” de turistas (gato veio) que procuram relações interessadas mas não tarifadas, sem esquecer a poluição derivada dos esgotos que derramam uma parte das águas usadas da cidade neste local. Esta extensão combina com o investimento maciço na cultura que tem como símbolo o centro cultural Dragão do Mar, fazendo do lugar um espaço urbano com descontinuidades mais ou menos visíveis, conforme se está próximo de Beira Mar ou do centro da cidade, entre a favela que diminui, os habitantes dos anos 1930 e o aquário em construção.

O objetivo deste artigo⁵ é contribuir para a compreensão dos processos através dos quais estes lugares anteriormente desvalorizados ou qualificados como “sensíveis⁶” são valorizados. Deveria sobressair uma dupla contextualização, pondo em relevo duas dinâmicas sociais, necessariamente difíceis de delimitar e caracterizar, com o objetivo de inscrever as mudanças em questão enquanto processos que ganham sentido em cada uma das duas sociedades. Não se trata de identificar os invariantes que se encontrariam num e noutro caso, mas de relacionar as transformações com um conjunto de relações que condicionam o seu significado social em dois contextos em transição⁷. A perspectiva adotada não é a de Richard Florida (Florida,

5 Este artigo prolonga em parte o tema do número anterior da *Revista Brasileira de Sociologia*, retomando e aprofundando a comunicação feita no XVIº Congresso Brasileiro de Sociologia: “Valorização dos bairros antigos e reconsideração da alteridade a partir da investigação sobre Lille numa perspectiva comparativa com Fortaleza”, Mesa Redonda XVIº Congresso Brasileiro de Sociologia de 10 a 13 de setembro 2013 *A sociologia como artesanato intelectual*, Universidade Federal da Bahia, Salvador (Brasil), 12 setembro de 2013.

6 Para situar esta expressão “bairro sensível” ver o quadro 1 em anexo.

7 É difícil fixar períodos para definir uma transição entre as duas sociedades. Digamos que a nível macro se trata, esquematicamente, da «passagem» de uma

2002)⁸, que evoca as cidades criativas com o contributo combinado de um conjunto de atores (artistas, populações...), mas de captar o mais próximo possível o uso político e social da cultura enquanto suporte, quando a ação pública assume a vocação de melhorar o viver em conjunto. O procedimento aqui vai no prolongamento dos trabalhos iniciados por Ruth Glass (Glass, 1963) que, pela primeira vez, fala de gentrificação para designar um processo de povoamento em que as classes médias e superiores se instalam nos bairros próximos dos centros das cidades quando os antigos habitantes os abandonam ou são forçados a isso (Authier, Bidou-Zachariassen, 2008).

Pode pensar-se que o embelezamento - termo que retomo mais adiante - desses espaços urbanos condiciona as relações práticas de alteridade⁹. Neste contexto, o encontro com o Outro parece, com efeito, menos ameaçador e até, em certa medida, atrativo, festivo, ou mesmo sinónimo de exotismo “ao domicílio”. Numa hipótese deste tipo, é elucidativo identificar por um lado as intervenções ou as mudanças que participaram no processo de redefinição da apreciação e dos usos do bairro, e de captar por outro lado as posições dos habitantes numa tal configuração. Esta redefinição não se coloca nos mesmos termos em França e no Brasil, e para apreciá-la parece judicioso abordar a alteridade através da história dos indivíduos e das suas relações com a cidade para melhor delimitar a sua construção social e a sua gestão

sociedade em que predomina a indústria e a pesca para uma sociedade em que esse tipo de produção é atenuado ou desaparece em benefício de serviços, paralelamente ao enfraquecimento do peso das classes populares e o aumento do peso das classes médias. Remetendo para os inquiridos a nível micro, esta transição é abordada pela sua própria história. Define-se então pela referência a duas conjunturas, a da socialização e a do período do inquérito, para captar a estruturação do *habitus* e a sua experimentação provocada pela mudança do contexto no sentido lato, ou do campo em certos casos, ou mesmo das relações práticas nas situações que nos interessam.

8 Ver a crítica desta abordagem feita por Alain Bourdin (Bourdin, 2005).

9 Relações que se aproximam das relações práticas no sentido que lhes é atribuído por Bourdieu, mesmo se os ritmos de vida quotidiana urbana e as formas dos laços diferem sob diversos pontos da vida rural e da continuidade relacional posta em evidência nos seus trabalhos na Argélia (Bourdieu, 1980, p. 281-282). Sublinho deste modo as relações quotidianas que ganham sentido nas relações de vizinhança e de cruzamentos que se repetem.

pública. É preciso entender a construção social como um duplo processo: o da socialização do indivíduo mediante o qual este aprende a definir o Outro¹⁰, aquele que no espaço público incarna as diferenças (religiosas, culturais, sociais) que são objeto de debate e desse modo qualificadas no espaço público; pela gestão pública, o pôr em prática desta aprendizagem e das adaptações que a acompanham nas situações concretas contemporâneas ao inquérito. Esta abordagem, combinando a socialização e as interações, aprimora o que decorre dos simples agregados como as classes. É simultaneamente uma abordagem diacrônica (socialização) e sincrônica (interação observada) ao nível das mulheres e dos homens que a vivem de forma dinâmica para tentar informar a fase de transição tanto quanto o estado de avanço desta *research in progress* permite fazê-lo.

A primeira parte deste artigo é dedicada à dinâmica urbana de Wazemmes¹¹. Veremos como o bairro se transformou fisicamente e sobretudo como se multiplicaram as iniciativas culturais¹². A parte seguinte analisará as relações de alteridade nesse contexto a partir das observações por um lado, e de entrevistas pensadas para levar em linha de conta as trajetórias das pessoas por outro lado, a fim de questionar a construção social, a gestão pública e a eventual reconsideração da alteridade. Na primeira parte, menos aprofundada, a análise enriquecer-se-á com o estabelecimento de um paralelismo parcial com a dinâmica do bairro brasileiro que conhece também mudanças sensíveis.

10 A figura do estrangeiro é um dos pontos de fixação habitualmente mobilizado para substantivar a alteridade. Em França, esta é sumariamente incarnada, hoje em dia, pela figura do migrante ou do jovem. É através de um ato de clivagem que ela é entendida no Brasil, nomeadamente com o pobre ou a criança de rua cuja “distância” não releva de uma suposta estranheza cultural mas de uma posição externa relativamente ao sistema socio-económico.

11 Para os desenvolvimentos específicos do bairro de Lille, ver o meu artigo (Hammouche, 2013).

12 Para os desenvolvimentos específicos do bairro de Lille, ver o meu artigo (Hammouche, 2013).

Embelezar e tornar seguros os espaços urbanos? A dinâmica urbana de *Wazemmes*

Antiga comuna que se tornou num dos bairros de Lille, cidade central de uma aglomeração com 1 112 470 habitantes (a 4ª em França) em 2010 (segundo o INSEE¹³), Wazemmes beneficia na sua história recente do que podemos chamar de embelezamento. Este termo remete para uma combinação de processos discursivo, morfológico e cultural que ilustram e acompanham a gentrificação. Assim definido, o embelezamento resulta e produz efeitos sobre o povoamento na medida em que essas transformações discursivas e arquiteturas modificam o aspeto físico, a atratividade e a lógica imobiliária. A palavra convida a ter em conta a estetização da cidade e os usos políticos da cultura em sentido lato e é suficientemente ambígua para deixar em aberto o questionamento sobre o conteúdo, que se limita eventualmente a um simples envelope de fachada com operações de requalificação do edificado. Para apreciar isto de forma mais aprofundada, é esclarecedor apreender um processo deste tipo a partir da sua emergência e da sua legitimação pelos atores¹⁴ e cidadãos que o acompanham. Designa aqui tanto as operações concretas que impulsionam e suportam o Estado e as Coletividades territoriais (Cidade de Lille, Lille Métropole Comunidade Urbana, Departamento do Norte, Região Norte-Pas-de-Calais) a melhorar os aspetos físicos¹⁵ (edifícios, ordenamento do território), como as atividades artísticas e culturais, ou a apropriação pelos utentes que, mediante suas apreciações e seus comentários, ou a sua presença, nomeadamente quando se realizam manifestações

13 http://www.insee.fr/fr/regions/nord-pas-de-calais/default.asp?page=themes/tableau_de_bord/TB02lmcu.htm consultado a 19 de março 2014.

14 Por uma questão de conveniência o termo ator é usado exclusivamente para designar as pessoas que participam na ação pública.

15 De notar que a preservação do existente predomina em Wazemmes e que as demolições não são nem tão numerosas nem têm a mesma amplitude que nos bairros sociais da periferia. A sua história, a sua localização são valorizadas no sentido de uma patrimonialização cultural do mundo operário que é uma das características da sua gentrificação. Para diferenciar renovação, demolição e reabilitação, ver Blanc, 2013).

culturais e festivas, nelas participam. Para as captar, é importante estar atento aos discursos sem hierarquizar os comentários proferidos pelos operadores institucionais ou associativos e os testemunhos dos habitantes. Não deixa de ser difícil, no entanto, avaliar a dimensão da arte e da cultura ou da arquitetura (tal como se manifesta pela mudança de uso das *courées*¹⁶ pelo design da Maison Folie de Wazemmes ...) na transição para a escala do bairro e ainda mais para a da cidade. Tratar-se-á da arte tal como é definida pelos estabelecimentos culturais (museus, teatro...)? Ou devemos entender a palavra cultura sobretudo como um termo englobando todas as atividades que se lhe referem, desde as que são propostas pelos equipamentos socioculturais às manifestações mais mediatizadas? Para melhor apreender esta dinâmica, é preciso lembrar que a utilização da cultura como suporte de ação pública, não ficou aquartelada nos centros das cidades, estendendo-se às periferias francesas. Ela foi e continua sendo mobilizada numa perspectiva de *empowerment* e de valorização das capacidades das populações, ou para promover esteticamente esses espaços. Várias manifestações artísticas e culturais têm por objetivo melhorar a imagem dos bairros e a sua atratividade. A valorização procurada passa tanto pela arquitetura como pelo melhoramento da iluminação. É assim que em relação com a política da cidade nascem, desde 1989, primeiro *Banlieues 89* seguido de *Quartiers Lumières* em 1991 e depois, a título de exemplo, vêm as operações *Éclairage public et lumières urbaines* em 1995 ou *Paysage et intégration urbaine* em 1996. A cultura é, neste contexto, legitimada pela afirmação da sua vocação social ou denunciada enquanto instrumentalização¹⁷.

16 Datando do século XIX e de uma parte do século XX, a *courée* é um conjunto de pequenas casas idênticas, de um andar, dispostas umas em frente às outras ao longo de uma pequena rua cujo acesso é feito por uma passagem estreita.

17 Henri-Pierre Jeudy, por exemplo, denuncia a instrumentalização da cultura para fins sociais e culturais: “Quando o impulso do desenvolvimento cultural é suposto vir dos excluídos, a estes só resta reivindicar a sua desintegração. A sua violência é um espetáculo! A irrupção da diferença não é mais do que o sintoma da integração. E à própria arte é atribuída uma missão social. Ao colaborar no trabalho social, os artistas parecem enfim assumir o seu papel na cité visto que eles estão lá para realizar a harmonia do pluralismo das culturas nos territórios

A dinâmica de Wazemmes ganha sentido, em primeiro lugar, em relação com a evolução da cidade de Lille que conheceu nestes últimos anos significativas mudanças econômicas e culturais¹⁸. Capital de uma região virada para o têxtil, a mecânica e as minas de carvão desde a Revolução Industrial, a cidade sofre um declínio entre os anos 1960 e 1980. Depois disso, a partir dos anos 1990, assiste-se a uma reconversão ao terciário com várias realizações marcantes. Antes de mais, dá-se o aparecimento de um novo bairro de negócios, Euralille, construído em 1988. A chegada a esse bairro do comboio de alta velocidade (TGV) em 1993, conseguida graças às múltiplas intervenções de Pierre Mauroy, antigo Primeiro Ministro (1981-1984) e prefeito municipal (1973-2001), seguida da do comboio Eurostar em 1994 fazem da cidade um entroncamento europeu, retomando a expressão mais usada, entre Paris, Bruxelas e Londres. Trazida à escala europeia, Lille, seguindo o exemplo de muitas outras grandes cidades, aumentou o investimento na cultura para reforçar a sua irradiação e a sua atratividade enquanto aglomeração transfronteiriça. Ao longo dos tempos, desejou-se que a ação cultural de Lille fosse uma combinação do que é considerado como uma cultura popular que dá continuidade a um passado hoje parcialmente valorizado (através, por exemplo, dos laços entre os habitantes e de uma vida social supostamente mais dinâmica do que hoje), e de intervenções mais ou menos diretamente ligadas à arte contemporânea. A obtenção do título de Capital europeia da cultura em 2004 acentuou a irradiação da capital da Flandres e constituiu um outro símbolo frequentemente evocado para caracterizar a renovação de Lille. Os dados demográficos ilustram esta dinâmica. Em 1968, a cidade contava 238 554

urbanos desintegrados. Qualquer criação se arrisca a cair na armadilha das razões e das finalidades socioculturais que lhe dão um sentido ao qual não pode opor-se. Os gestores da integração estão à procura dessas formas emergentes de criação espontânea para operar a metamorfose da violência em estática social.” (Jeudy, 1999, p.24-25).

18 “... Esta aglomeração tornou-se em poucos anos uma referência cultural e turística impulsionada pelas ligações do TGV e o sucesso de grandes realizações como “Lille capital europeia da cultura” em 2004 ou as exposições de arte contemporânea Pinaut e Saatchi em 2009 e 2010.” (Bonnefous, 2012).

habitantes, e apenas 212 597 em 1999 antes de crescer de novo para atingir 222 784 em 2008¹⁹.

A dinâmica urbana de Wazemmes não está a salvo das repercussões do elevado aumento dos preços do mercado imobiliário com que Lille, como aliás as maiores cidades francesas, se confronta²⁰. A sua proximidade com o centro da cidade, a evolução dos preços, mais módicos do que nas partes mais valorizadas (como o Vieux-Lille), fazem do bairro um lugar atrativo para os candidatos ao arrendamento ou ao acesso à propriedade. Para alguns é uma das raras possibilidades de adquirir um bem imobiliário perto do centro da cidade e, por vezes, uma oportunidade para uma primeira etapa com esperança de revender sem perda, ou até com uma mais-valia que permita a compra de um alojamento mais espaçoso ou melhor situado de acordo com os projetos pessoais. Em 1990, Wazemmes tem 20 548 habitantes, dos quais 22,42% com menos de 19 anos. Em 2004 são já 25 362 habitantes e 26 214 em 2008. O aumento da população é notório desde os anos 1990: há um acréscimo de 7,75% entre 1999 e 2004, um dos mais elevados da cidade, tal como no Vieux-Lille, um espaço igualmente revalorizado. Para avaliar melhor esta tendência, é preciso assinalar um decréscimo no período compreendido entre 1960-1980, depois de um longo período, desde 1858, ano em que esta antiga comuna foi agregada a Lille, em que o bairro não cessou de crescer, e isto antes de a crise do têxtil e da indústria ter feito diminuir a sua população. A análise de IRIS* (unidade de base considerada pelo INSEE; o bairro inclui várias unidades) mostra que a ocupação por categoria social varia fortemente entre aqueles que estão próximos do hipercentro e os que estão mais próximos da periferia. Para os

19 INSEE. . [http://www.insee.fr/fr/regions/nord-pas-de-calais/default.asp?page= themes /tableau_de_bord/TB02lmcu.htm](http://www.insee.fr/fr/regions/nord-pas-de-calais/default.asp?page=themes/tableau_de_bord/TB02lmcu.htm) consultado em 9 de agosto de 2012.

20 Audrey Linkenheld, adjunta do prefeito e responsável pelo pelouro do alojamento, resume a situação sublinhando que Lille é “uma das grandes cidades mais caras do país, em resultado da sua política de desenvolvimento e da sua atratividade, mas com uma das populações menos ricas”, (Bonnetous, 2012).

* Nota da tradutora: IRIS é uma sigla para designar uma unidade de base de análise da população por grupos para efeitos de informação estatística *IRIS=Ilots Regroupés pour l'Information Statistique*

eleitos e a Prefeitura do bairro, as mudanças destes últimos anos são um sucesso (*“Este bairro antigo e popular soube operar uma profunda mutação”*). Sublinham que a irradiação de Wazemmes ultrapassou largamente os limites do bairro e da cidade, e que as pessoas vêm de longe ao mercado de domingo (cerca de 40 000 pessoas em certos domingos de manhã), mas também à rua Gambetta por onde todos os dias circulam numerosos visitantes ao longo dos seus 1,2 km de linha comercial²¹. O cosmopolitismo valorizado do bairro é difícil de captar, desde logo quando visa a pôr em relevo tanto a atratividade do mercado, os comércios étnicos ou a co-presença das populações francesas e estrangeiras. Estas últimas estão mais presentes nas ZUS (zonas urbanas sensíveis) onde 11,3% dos habitantes são estrangeiros (apenas 7,9 em Lille e 6,2% na comunidade urbana²²), sendo os Magrebins em maior número seguidos dos Asiáticos.

Esta evolução demográfica e esta repartição espacial diferenciada das categorias sociais são acompanhadas por transformações físicas marcadas pela referência à arte contemporânea. Assim, a Maison Folie²³ Wazemmes é inaugurada em 2004, quando os *lofts*²⁴, as renovações ou reabilitações do antigo habitat se multiplicam. As inovações arquiteturais parecem ser bem aceites pela população, e não existe rejeição manifesta entre os inquiridos e alguns deles evocam esta vontade de fazer, combinando passado e presente. As mudanças morfológicas são acompanhadas de um reforço da oferta cultural e de uma

21 http://www.mairie-lille.fr/fr/Votre_Mairie/Mairies_de_quartiers/Wazemmes consultado em 31 de julho de 2012.

22 <http://attacafa.com/post/2014/02/07/SOUTENEZ-LE-FESTIVAL-LA-LOUCHE-D-OR-> consultado em 13 de maio de 2014.

23 A noção de casa folia foi avançada por ocasião de Lille 2004, Capital europeia da cultura. 12 centros culturais com esta denominação foram então instalados na região da Capital europeia. Em 2014, 7 guardam ainda este título, duas das quais em Lille: a Maison folie de Moulins e a de Wazemmes. Esta última apresenta o lugar onde está instalada como “[um] Vestígio do património operário de Lille” reabilitado pela agência neerlandesa Nox e o arquiteto Lars Spuybroek e pretende estar “no centro de trocas e cruzamentos múltiplos entre as disciplinas, os artistas de todos os horizontes e sobretudo os públicos”. Cf. <http://mfwazemmes.lille.fr/fr/presentation/qui-sommes-nous> consultado em 2 de junho de 2014.

24 O loft é um entreposto, ou um local de uso profissional, transformado em lugar de habitação ou em atelier de artista.

valorização do “festivo” através de festivais, festas populares retomadas e apoiadas institucionalmente (festa do acordeão com Wazemmes l’Accordéon 2014²⁵, festa da sopa com o 14º festival de la Louche d’or (Concha de ouro) em 2014²⁶. Mesmo se certos episódios são por vezes evocados, como foi o caso da tentativa falhada de transformar os Halles em complexo de cinema que suscitou uma forte resistência para preservar este equipamento, não se encontra hoje nenhum rasto virulento de oposição.

A alteridade reconsiderada?

Os inquéritos mostram que se a grande maioria dos habitantes retoma o nome de Wazemmes para se referir ao espaço, outros há que privilegiam o nome da rua (por exemplo Gambetta), ou ainda o nome da estação de metro mais próxima. As fronteiras sociológicas e espaciais que os utentes enunciam são múltiplas, como são múltiplos os recortes administrativos para agir sobre os transportes ou sobre a segurança entre outros exemplos, sem contar com os do INSEE ou da política da cidade com a ZUS (zona urbana sensível) que corresponde a 5% do território de Lille e conta 10 416 habitantes (Vignier, 2012). Os usos dos lugares, a residência, as relações de vizinhança, a frequência das praças, dos comércios, a utilização dos transportes públicos nomeadamente, são indicadores que mostram como ao longo do tempo se constrói socialmente a ancoragem. A perspetiva adotada aqui procura situar tendo em conta as primeiras relações dos indivíduos com a cidade e a perceção que dela tinham (cidadinos ou rurais na infância), o que resulta na combinação da socialização e de uma forma ulterior de pôr à prova as disposições adquiridas, para melhor apreciar a apropriação que corresponde às práticas contemporâneas do episódio estudado.

25 De quinta feira 22 de maio 2014 a domingo 1 de junho 2014.

26 Dia 1 de maio de 2014.

Durante meses a fio, em função dos dias e a horas diferentes, a observação dá a ver uma variação de situações. Estas põem em co-presença mulheres e homens, de diferentes idades, aparentemente de origens diversas, tendo em conta os trajes e as línguas estrangeiras ouvidas. É difícil caracterizar estes cruzamentos definidos pelos inquiridos de acordo com uma gama de distâncias supostas, desde o próximo até ao longínquo para parafrasear o título de Bastide (Bastide, 2000), a partir das aparências e dos comportamentos visíveis, entre as populações de “jovens” dos quais se diz que são oriundos da imigração, até aos migrantes mais tipificados vindos da África do Norte ou da Ásia, entre os que passeiam em família e os que bebem um copo nas esplanadas, por vezes em estado quase ébrio. Uns e outros não estão presentes e não se cruzam nos mesmos lugares, nem ao mesmo tempo. As co-presenças também não implicam o mesmo grau de empenhamento, desde a passagem rápida diante da estação de metro Gambetta onde se apinham os grupos de jovens frequentemente alcoolizados, barulhentos, acompanhados com regularidade por numerosos cães e suscitando maior ou menor mal estar, e as trocas entre vendedores e compradores ao domingo de manhã em que os cafés estão cheios e em que a praça do mercado fervilha de gente. Neste mercado, situado na Praça da Nouvelle Aventure no coração do bairro, bem como em volta, as tendas exóticas estão lado a lado com os stands de roupa, de tecidos, de utensílios de todo o tipo, bem como de frutas e legumes. No centro do mercado, os Halles - um belo edifício construído na segunda metade do século XIX de acordo com o modelo dos Halles de Paris - partilhados por vinte e dois comerciantes, propõem peixaria, talho, charcutaria, produtos regionais, asiáticos, bio, comércio justo...²⁷ No exterior e em toda a volta dos Halles, encontram-se essas mesmas mercadorias bem como produtos exóticos com alimentos asiáticos e magrebinos. Fora dos dias de mer-

27 <http://www.halles-wazemmes.com/historique.html> consultado em 3 de junho de 2014.

cado (domingo, terça e quinta), certos períodos, como o ramadão²⁸, são mais animados nomeadamente em duas ruas adjacentes ao mercado, rua dos Sarrasins e rua Jules Guesde, com montras cheias de pastelaria, panquecas e outros produtos mediterrânicos, por vezes ao lado de esplanadas de café ocupadas por clientes que bebem as suas cervejas. Esta última rua, com os seus comércios étnicos ou obsoletos (como a espaçosa boutique de novelos de lã para tricotar) e os seus pequenos grupos de homens aparentemente estrangeiros, e talvez em situação de precariedade e de clandestinidade, tem um estatuto particular para alguns habitantes. É vivenciada como sendo a rua dos tráficos, nomeadamente de droga, e uma das menos seguras.

No entanto, numerosos inquéritos realçam de forma imediata o prazer de vagar a qualquer hora. Várias mulheres, nomeadamente as que vivem sozinhas, assinalam o facto de não terem preocupações com a hora a que regressam a casa à noite. Aquelas e aqueles que vivem sozinhos destacam a oferta cultural ou a possibilidade de saídas na proximidade do lugar de residência ou na proximidade do centro da cidade. Os jovens casais que ali coabitam insistem também neste aspeto. É preciso contudo destacar várias reservas enunciadas sempre com algum cuidado. A primeira diz respeito a partes específicas do bairro, como uma rua que uma habitante (50 anos, professora) considera “ser magrebinizada”. Esta observação é esclarecedora em vários sentidos. Trata-se de um indício da relativa centralidade da rua para certos migrantes ou pessoas ligadas de uma maneira ou de outra aos países do Magrebe. O elevado número

28 De 20 de julho a 18 de agosto em 2012. Este período de jejum respeitado pelos muçulmanos praticantes dura 30 dias, começando todos os anos, de acordo com o calendário lunar, cerca de dez dias antes do início do ano anterior. O jejum consistem em abster-se de comer, de beber, de qualquer relação sexual desde o nascer do dia até ao pôr do sol. É particularmente penoso no verão. Nas últimas décadas, a quebra do jejum à noite ganhou um ar festivo cada vez mais marcado por lautas refeições, por vezes com a família alargada e mais saídas, reservadas aos homens ou incluindo as mulheres de acordo com as histórias familiares. O bairro de Wazemmes, tal como o de Belleville em Paris e outros nas grandes cidades francesas que contam com uma grande comunidade magrebina, são mais animados durante este período com a participação mais ou menos ativa dos comerciantes.

de lojas que propõem preços aparentemente atrativos para telefonar para essa região do mundo (ou outras) atesta-o em certa medida. Nenhuma caracterização étnica deste tipo é feita com respeito aos asiáticos, percebidos principalmente mediante a sua função de comerciantes e cuja presença não suscita qualquer comentário. Posta em relação com a história social de diversos inquiridos que viveram em bairros populares caracterizados por uma forte presença de imigrantes, esta observação e o desconforto evocado por esta pessoa mostram uma dupla mudança em sintonia. Em primeiro lugar, a presença dessas lojas e de outros comércios ditos étnicos é vista como mais evidente. Em seguida, e diferentemente do que ela diz ter vivido durante a infância e a adolescência, em certos momentos, ela não se sente como se ali fosse “*o seu lugar*”. Ela conta, em modo de ilustração, um episódio em que ela teve que voltar a casa mudar de roupa por ter sentido olhares reprovativos. As declarações de outra mulher um pouco mais velha (aposentada) reforça a ideia de uma ambivalência que nem sempre encontra as palavras para expressar a complexidade das relações com que é suposto referir-se a outra cultura. Esta mulher relata aquilo que, a seus olhos, se apresenta como um paradoxo relacional com o dono de uma loja onde ela vai regularmente. Na loja, o comerciante saúda-a e fala cordialmente com ela, ignorando-a quando passa por ela na rua. Depois de várias tentativas, a mulher conformou-se com estes encontros silenciosos que, no entanto, a deixam perplexa e incomodada. No que se refere a este capítulo das relações, que os indivíduos qualificam de culturais ou interculturais, é esclarecedor observar que outros bairros deste tipo como Belleville ou Menilmontant em Paris conhecem processos similares. É o que se passa com os restaurantes que propõem pratos das regiões rurais do Magrebe ou pratos de charcutaria francesa e não “*halal*” (lícita). É verdade que em alguns estabelecimentos a experiência é de curta duração e é difícil saber se a implantação recente na proximidade de livrarias dedicadas ao Islão condiciona essa evolução ou não. Em qualquer dos casos, as co-presenças raras, ou até improváveis dos anos 1970, entre imi-

grantes “celibatários geográficos”²⁹ e mulheres jovens, por exemplo, se multiplicaram. Vários elementos confirmam estas mudanças entre os dois períodos temporais. Os sinais mais visíveis são as esplanadas dos cafés com uma clientela tanto francesa como estrangeira, onde homens e mulheres bebericam um chá de menta ou um *nass-nass* (metade-metade em árabe para designar um café com leite). Estas bebidas são menos exóticas para estes clientes, consumidas com maior regularidade, e levam a pensar que estes lugares de encontro, hoje possíveis, revelam uma outra percepção daquilo que, em tempos, foi estranho exótico ou atraente, mas nunca familiar. Paralelamente, os modos de estar em público de certos migrantes ou dos seus descendentes mostram-se mais abertamente no plano cultural ou religioso. Por exemplo, em Wazemmes, certos restaurantes oferecem graciosamente a refeição de quebra do jejum em alguns dias do *ramadão* (em 2010).

Outros receios e rejeições exprimem-se de modo mais nítido. Assim, as duas estações de metro, Gambetta e Wazemmes, que servem o bairro a pouca distância do mercado, são objeto de uma apreciação circunstanciada. Alguns habitantes evitam por exemplo a segunda, evocando os agrupamentos, nomeadamente à noite, que associam ao tráfico de droga. Algumas ruas, embora a pouca distância da praça do mercado (central no bairro) e da sua frequente animação, suscitam alguma apreensão à noite. As rejeições dizem sobretudo respeito aos excessos de consumo de álcool, outra dimensão da convivialidade ou outro aspeto de ambivalência relativamente à festa, simultaneamente atrativa e repulsiva. Os comerciantes, quando falam disso, referem-se tanto a um comportamento e a uma embriaguez perigosa como a uma população difícil de apreender a não ser através do termo *zonards*, enfiando tudo dentro do mesmo saco. Algumas atitudes exprimem uma valorização manchada por alguns receios. Por exemplo, uma nova habitante (professora do primeiro ciclo, 27 anos) mostra uma

29 A expressão “celibatário geográfico” indica que o migrante vive sozinho em França e que a esposa e, se for caso disso, os filhos vivem no seu país de origem.

certa prudência nos primeiros meses da sua instalação em 2011 que não atenua a apreciação positiva do seu alojamento e do seu meio ambiente. O companheiro (engenheiro, 27 anos) é mais renitente aos cruzamentos. Contrariamente, outro jovem (desempregado, 28 anos) e a sua companheira (empregada, 26 anos), instalados apenas algum tempo antes dos anteriores, verbalizam a sua satisfação e o seu prazer por ali habitarem e apresentam o bairro salientando as oportunidades de festas que oferece. Com o passar dos anos, valorizam menos esta dimensão para insistirem na qualidade da vizinhança. Outros, como aquele livreiro (55 anos) e a sua esposa (administradora, 52 anos) põem em relevo a continuidade entre a Lille Antiga, o bairro popular da sua infância, e Wazemmes onde eles atenuam as recentes deceções provocadas por vários atos de vandalismo sobre o seu carro. No caso concreto da nova habitante (professora do 1º ciclo, 27 anos), vindo ela de uma pequena cidade sem ZUP (Zona urbana prioritária), ela diz que a “*passagem*” para Wazemmes não lhe coloca problemas. Nestes dois últimos casos, tal como noutros casos acima evocados, o paralelo entre a situação vivida na infância e a situação de hoje diz respeito a contextos diferentes. Para os mais velhos, esta comparação funda-se numa apreciação entre dois períodos, entre os anos 1970 e 2012, com categorias utilizadas para a expressar (“*populares*”, “*classes médias*”, “*ZUP*” ou “*subúrbios*”), que não têm com certeza a mesma ressonância em cada um dos períodos. Os informadores enunciam subjetivamente esta comparação, isto é através da sua história e da sua tomada em consideração do contexto do seu passado e do seu presente. Aos olhos de quem fala, os “bairros” dos anos 1970 estariam mais ou menos “longínquos” que os dos anos 2010? Isto coloca-nos perante a dificuldade de conceptualizar estes recortes práticos e a sua evolução ao longo do tempo.

Além das ruas acima referidas, um conjunto de alojamento social dos anos 1970, tendo beneficiado de uma reabilitação nos anos 1990, suscita igualmente reações ambivalentes próximas das que podem ser observadas nos bairros ditos sensíveis (Magnier, 2012). A atenção repetida dos atores públicos às questões da segurança, bem como as

relações com os jovens adultos deste conjunto ou vindos dos arredores, lembram a difícil estruturação intergeracional da vida social deste tipo de lugar. Correndo o risco de esquematizar excessivamente, estas dificuldades tornam mais visíveis os problemas sociais habitualmente relacionados com as ZUP. Estas relações são talvez mais matizadas na expressão dos locatários, segundo as idades e o seu percurso residencial (os casais com filhos mostram-se mais preocupados do que os que não têm filhos, por exemplo). Situado no interior de Wazemmes, este conjunto constitui um dos polos da dinâmica do bairro, o da tensão, se nos referirmos aos que falam dele, por oposição à parte do bairro mais próxima do centro da cidade e que quase se confunde com ele. Estas diferenças de apreciação reencontram-se na distribuição das categorias sociais e das taxas de desemprego acima referidas (Vignier, 2012). Com efeito, as sub-partes do bairro não acolhem os mesmos tipos de população. Assim, Brigode tem uma forte proporção de quadros superiores (+ de 20%) e uma fraca taxa de desemprego (6%) enquanto Sarrazins_Magenta, parte onde se concentra o alojamento social, conta com 23% de desempregados e uma forte proporção de operários³⁰. Esta cartografia em nada se afasta da que os habitantes mais implicados na vida social do bairro põem em destaque. É o caso desta antiga comerciante (reformada, 71 anos) que está à frente de uma associação dedicada à história do bairro e que distingue as partes “*tranquilas*” daqueles em que, a seus olhos, a reabilitação continua inacabada. Reflete-se muito parcialmente na frequência de um estabelecimento como a Maison Folie Wazemmes onde a presença dos habitantes do bairro vai de 16% (num espetáculo de dança *hip-hop*) a 24% (num espetáculo para crianças) (Vignier, 2012)³¹. Estes números constituem um indicador que convém usar com precaução quando não se possuem dados globais à escala do bairro, e que as categorias sociais destes públicos não são conhecidas. Não deixam contudo de ser importantes na medida em que este centro cultural,

30 Ver a carta de Wazemmes em anexo.

31 Inquérito realizado entre janeiro e julho de 2012.

instalado numa antiga fábrica de fiação a pouca distância do mercado, é uma das 12 Maisons Folie da região concebidas no âmbito de Lille Capital Europeia da Cultura. Este equipamento participa aliás na transformação morfológica do bairro. É visivelmente identificável pela sua arquitetura que preserva a parte histórica da antiga empresa e uma extensão justaposta sob a forma de um novo edifício com formas arredondadas e claramente mais contemporâneas. O espaço pretende ser um lugar aberto a todas as categorias sociais e, sobretudo, incarna a vontade política da cidade de fazer da cultura um suporte da dinamização social.

A sua implantação em 2004 não é da mesma envergadura que a do Centro Dragão do Mar da Arte e Cultura em 1999. Mas estas duas importantes instituições culturais ilustram a tentativa de afirmar uma nova vocação: símbolo de uma mistura social para Wazemmes, como para a Praia de Iracema que os concetores do Centro queriam valorizar nos seus primórdios, e nomeadamente na sua proximidade, mesmo se o objetivo turístico só mais tarde se afirmou de forma mais evidente.

Iracema, um embelezamento de orientação turística

Ocupando um território de cerca de 313 km², a aglomeração de Fortaleza - quinta cidade mais povoada do Brasil - conta com 3 655 259 habitantes de acordo com os dados do recenseamento de 2010. Capital do Estado do Ceará, numa região pobre do Brasil (o Nordeste), também ela promove uma política cultural suscetível de valorizar certos espaços urbanos e paralelamente as culturas populares que nelas se expressam (ao lado de manifestações indexadas à cultura elitista como a dança contemporânea, as exposições de arte moderna, etc.). Nesta cidade que se tornou um lugar atrativo do setor turístico brasileiro, Praia de Iracem ocupa, incluindo o prolongamento da Beira Mar, três quilómetros do litoral e fica justaposta ao centro da cidade. Comparado com os outros bairros da cidade cujos limites geográficos não se encontram totalmente definidos e considerando apenas o dis-

curso dos habitantes ou os traçados da municipalidade, trata-se de um pequeno território com 3 100 habitantes. Os traçados que resultam do Projeto do Secretariado do Desenvolvimento Económico (SDE), um serviço da prefeitura de Fortaleza que propõe a criação de um Polo Criativo incluindo o futuro Aquário, são delimitados a oeste pela Avenida Almirante Tamandaré, e leste pela rua dos Tabajaras, a sul pela Avenida Almirante Barroso e a norte pelo oceano Atlântico. Bairro emblemático ao qual foi associada uma imagem de boémia e de prostituição, conheceu numerosas transformações desde o início do século XX e outras tantas representações, desde a sua antiga imagem de bairro pobre habitado por pescadores, à de lugar turístico nos dias de hoje. É verdade que, nos últimos vinte anos, a mudança de Fortaleza adotou formas espetaculares, particularmente visíveis no caso de Iracem. A rutura arquitetural do Dragão do Mar - impressionante centro cultural implantado no bairro - é vista como símbolo da vontade de combater a pobreza pelo monumental que a faria recuar³². Marcada por um crescimento desigual e processos de gentrificação sustentados pela ideia de modernização da cidade, e mais precisamente pela política cultural que lá se desenvolve desde os anos 1990, a Praia de Iracema foi sistematicamente reconfigurada pela ação pública, como é atestado pelas diferentes fases da sua história³³.

No início do século XX, este bairro pobre é, como o seu nome de Praia do peixe o indica, o bairro dos pescadores. O bairro emerge entre 1906 e 1945, com a construção do Viaduto Moreira da Rocha, utilizado como ancoradouro, que contribui para aumentar a atividade

32 Concomitantemente ao desenvolvimento limitado de um habitat social mas claramente mais afastado do centro, deslocamento que pode também ser interpretado no sentido de Saskia Sassen (Sassen, 2009) como uma dinâmica de expulsão alimentada pelas lógicas imobiliárias.

33 Para além do que ressalta das minhas próprias observações desde 2006 e da minha pesquisa documental, uma parte das informações relativas a Fortaleza é extraída da apresentação do projeto de pós-doc efetuado no Clersé por Kadma Marques a quem agradeço. A sua pesquisa é precisamente sobre os processos atinentes aos artistas e aqui evocados de forma demasiadamente rápida. Cf. a apresentação do seu projeto aquando do seminário do Programa VNI de Clersé a 4 de fevereiro de 2013 “Beleza e criatividade: os desafios do urbano a partir de um olhar comparativo entre Fortaleza e Lille”.

comercial. Nos anos 1920, a construção de um porto é o impulso para uma dinâmica econômica, atraindo novas famílias. São numerosas as que vêm do centro da cidade, em busca de melhores condições de vida e, em parte, influenciadas pelo discurso higienista que é difundido na época (Lustosa Costa, 2012). A beira mar é supostamente benéfica para a saúde e a imprensa, retomando fragmentos de discursos científicos, louva as suas virtudes. É nos anos 1920 que o bairro passa a chamar-se Praia de Iracema e que começam a aparecer os primeiros *bungalows* à beira mar. No período entre as duas guerras, a Praia de Iracema torna-se um dos bairros mais valorizados da cidade, com a presença de clubes e de casas de grande dimensão, como a Vila Morena (hoje conhecida pelo nome de Estoril), primeira residência a ter uma piscina em Fortaleza. O bairro goza de uma reputação de lugar romântico como o dá a entender a designação informal de Praia dos Amores que lhe está associada nos anos 1940.

A sua dinâmica comercial acentua-se nos anos 1940 e beneficia da construção do novo porto. Esta provoca o desmoronamento de uma parte da costa que limita o bairro, a instalação de novas casas de média dimensão, de pequenos bares, mas também o aparecimento da prostituição. Com a construção do Porto do Mucuripe no período 1945-1970, o bairro conhece um crescimento da atividade comercial com a intensificação das atividades portuárias. A modificação do contorno da costa no seguimento desta construção provoca uma forte erosão na Praia de Iracema e a destruição de edifícios à beira mar. Segue-se um período qualificado como decadente com a extensão do habitat individual, dos cafés e uma presença acrescida de prostitutas. Nos anos 1970-1990, multiplicam-se os bares e restaurantes para acolher a “boémia” e os “intelectuais”. É também nessa época que os artistas se instalam, reforçando a imagem do lugar como estando na moda.

No período seguinte, nos anos 1990-1998, o bairro é investido pela municipalidade para desenvolver a sua política cultural, beneficiando de um conjunto de intervenções designadas pelos termos genéricos de “requalificação” ou de “revitalização”. Estas operações são acompanhadas por um elevado aumento dos preços do imobiliário,

colocando em dificuldade um grande número de artistas. A favela do Poço da Draga - que data dos anos 1940 - sofre também esses efeitos, nomeadamente com a saída de uma parte dos seus habitantes. É nesse contexto que se inicia em 1998 a construção do mais importante equipamento cultural financiado pelo governo do Estado do Ceará. Parcialmente inaugurado em 1999³⁴, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), facilmente identificável pela sua arquitetura monumental e eclética, ocupa 30 000 m² dos quais 13 000 m² são espaço construído. Este equipamento múltiplo que abriga cinemas, dois museus, salas de espetáculos, anfiteatros, uma livraria, um observatório astronómico e uma cafetaria, abriu as portas em 2003. O edifício é concebido para a circulação de peões e caracteriza-se pelas suas passarelas em ferro. Possui múltiplas entradas e saídas e liga entre si dois espaços da cidade: uma parte desemboca no setor próximo do centro, outra dá para as habitações à beira mar. Oferece diferentes perspetivas sobre o seu meio envolvente, nomeadamente para os edifícios reabilitados que o cercam e a sua construção tem consequências sobre a vida social do bairro. Pensado para combater a representação mais difundida que “reduz” Fortaleza à dupla praia/forró, o CDMAC alargou amplamente a dinâmica cultural³⁵, e acentuou a sua atração turística. O desenvolvimento da cidade, marcado pela intensificação da fragmentação socio-espacial, e a evolução do mercado imobiliário, traduziram-se pela partida progressiva de artistas com poucos meios e a instalação de “criativos” mais afortunados, mas também por camadas da população mais favorecidas que habitam nos arranha-céus recentemente construídos. É difícil avaliar com precisão os fluxos daqueles que, atraídos pelo novo florescimento do bairro, se instalam em grande número nos antigos entrepostos à espera de ajudas públicas para aí se fixarem de forma duradoura, e daqueles que partem por falta de meios, para não falar dos “criativos”

34 O Centro funciona a título experimental a partir de 28 de agosto de 1998 e é inaugurado oficialmente a 28 de abril de 1999 (Gondim, 2007).

35 Ver os inquéritos de Linda Gondim (Gondim, 2007) sobre o início dos anos 2000.

mais afortunados mais próximos das camadas de população mais favorecida que ali se instalaram pouco tempo antes. Para fazer frente a esta “verticalização”³⁶ do bairro e o reforço da sua vocação turística, os artistas que habitam e trabalham na Praia de Iracema juntaram-se desde 2011 e constituíram um “movimento de resistência”, apelidado *Criativo Iracema*. Paralelamente, os habitantes do Poço da Draga, ajudados por alguns artistas, juntam-se num outro movimento chamado *Peixuxa*. Opõem-se à construção do Aquário Ceará à beira mar defendido pelo Estado com o mesmo nome, e particularmente pelo seu governador Cid Gomes. De entre os que ficaram, são numerosos os artistas e os habitantes que expressam, nas conversas recolhidas por Kadma Marques, o sentimento de serem peças de um jogo que não escolheram jogar e do qual ignoram as regras. Para além do Aquário, outro programa de trabalhos é posto em marcha para reforçar a atratividade de Beira Mar e Iracema. Em primeiro lugar, há a extensão do passeio que acompanha a beira mar (a exemplo de Copacabana no Rio de Janeiro), completado pelo melhoramento da iluminação pública, a reestruturação dos lugares históricos tais como a Ponte dos Ingleses ou o antigo restaurante e espaço de exposição Estoril. Os usos do bairro ressentem-se disso e uma parte dos lugares beneficia desde há pouco tempo de um relativo investimento por parte das classes médias e superiores. Por exemplo, o Largo do Mincharia, um bar muito valorizado, reabriu, e novas atividades para as famílias como o aluguer de patins em linha atraí pessoas para as suas imediações, à noite. Este conjunto de operações acontece ao lado da instalação de um polo tecnológico e criativo que deveria incluir a Praia de Iracema e o bairro limítrofe do Centro da cidade num mesmo território. Esta última diligência suscitou oposição, nomeadamente do arquiteto Fausto

36 Expressão usada para referir a multiplicação, diferentemente de Wazemmes, de grandes torres avançada por Joseph Gire aquando da fase dita de verticalização no Rio de Janeiro (concretamente em Copacabana, Flamengo e Glória) nos anos 1920, citada por Clarissa da Costa Moreira (Da Costa Moreira, 2009, p. 102), e retomada por Kadma Marques que assinala assim a substituição das casas por torres em Iracema.

Nilo (que tinha sido escolhido para o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura em 1999). Este propõe uma alternativa para tornar o desenvolvimento do bairro “sustentável”, privilegiando uma lógica pedonal mediante a criação de vias de ligação entre os equipamentos culturais existentes - CDMAC, Biblioteca pública e Aquário -, e concebendo dispositivos de apoio à implantação de empresas do setor criativo e à manutenção dos habitantes do bairro. Estes últimos episódios de embelezamento do bairro podem ser mais amplamente relacionados com a história da cidade. Os historiadores locais falam, com efeito, da Fortaleza Belle Époque (1860-1930) (Rogério, 1993), salientando os laços estabelecidos no passado com a “beleza” entendida, antes de mais, na sua relação com o ambiente marítimo natural, antes de se relacionar com a ideia de progresso, com a estruturação física da cidade e dos seus serviços públicos. Esta representação foi retomada recentemente, pela fórmula “Fortaleza Bela” posta a circular pela Prefeita de Fortaleza, Luisiane Lins, aquando dos seus dois mandatos à frente dos destinos da cidade (2004-2008; 2008-2012).

Conclusão: transição e dupla contextualização

Ressaltam desta dupla contextualização dois espaços beneficiando de um acréscimo de oferta cultural que, combinado com a sua localização próxima do centro da cidade ou da beira mar, reforça a sua atratividade. A ação cultural que ali se desenvolve inscreve-se em duas histórias e usos diferentes da cultura. A transição que se desenha deste modo não resulta das mesmas combinatórias entre culturas contemporâneas e referências às culturas populares, e também não revela os mesmos movimentos de população ou de resistência. A retoma de práticas indexadas ao mundo operário, como por exemplo a sopa ou o acordeão, manifesta-se mais claramente em Wazemmes. Mas trata-se de uma escala diferente da de Iracema que tende a tornar-se uma fachada nacional do Ceará. Neste estágio da investigação, falta sobretudo uma vertente de inquérito junto da população fortalezense para dar mais consistência à vertente qualitativa. Aten-

dendo à diferença de estatuto dos dois bairros de Wazemmes e Iracema, será certamente útil alargar a investigação ao Centro que está ao lado deste último. Este espaço urbano, centro histórico da cidade, será provavelmente mais rico em informações sociológicas no que toca ao seu povoamento nestas últimas décadas e à forte presença de uma população de rendimentos modestos, mas também de atividades artesanais, comerciais ou informais. Este bairro tem a vantagem de conhecer também mudanças ligadas a projetos de revalorização, podendo supor-se a existência de processos precursores de uma gentrificação. Além da prossecução do aprofundamento do conhecimento das duas dinâmicas para discernir a maior importância adquirida pela cultura nos dois bairros, este alargamento permitirá analisar e apoiar mais adiante os movimentos de povoamento em Fortaleza, e completará, através de entrevistas a abordagem das evoluções das relações de alteridade em Iracema e no Centro. Esta vertente a realizar³⁷ permitiria tornar mais consistente a apreciação da transição e promover a reflexão crítica das categorizações para dar verdadeira consistência epistemológica a esta abordagem da alteridade através da dupla contextualização. A dinâmica destas duas grandes metrópoles oferece-se, nesta perspetiva, como uma oportunidade de pôr em questão os recortes baseados no princípio da prática sociológica, tais como os que distinguem classes populares e classes médias. Porque, de acordo com os atores, esta fase de gentrificação que tentamos esclarecer põe, de certo modo, em questão as distâncias sociais. Neste sentido, esta evolução urbana favoreceria as reaproximações, provocando talvez evoluções de perceção, expressando-se de acordo com modalidades próprias de cada uma das sociedades que não partilham a mesma história industrial, e, neste caso, pondo à prova os processos de diferenciação ou de estratificação. Não se trata de dar crédito a uma interpretação que permitiria pensar que estes eventuais

37 Esta pesquisa multi-situada inclui, além da minha própria diligência e da de Kadma Marques já evocadas, uma vertente que implica Irllys Barreira com quem está previsto levar a cabo um inquérito sobre o centro de Fortaleza.

efeitos apagariam de algum modo as distâncias sociais, ou apagariam as dominações tais como são abordadas no quadro teórico de Pierre Bourdieu (Bourdieu, 1979), ou afastariam aquilo que gera relações de minorias como observa Dominique Schnapper (Schanapper, 1998). Trata-se de captar esta conjuntura como uma ocasião de questionar a eventual redefinição das distâncias e das proximidades inspirando-se na investigação conduzida por Jean-Claude Chamboredon e Madeleine Lemaire em 1970 (Chamboredon e Lemaire, 1970) sobre os primeiros grandes complexos habitacionais em França. Com efeito, e diferentemente das conclusões destes dois sociólogos para quem a proximidade espacial não era suficiente para anular as distâncias sociais que os habitantes se empenhavam em lembrar, em Wazemmes sobressai uma apreciação mitigada destes cruzamentos. Seria pois esclarecedor captar de forma mais aprofundada os modos e os graus de implicação para apreciar mais particularmente a redefinição da alteridade e a dinâmica social à escala dos dois espaços urbanos francês e brasileiro. Aprofundando a análise da construção social e da gestão pública da alteridade, observaríamos como cada um/a forja na sua vizinhança e no resto do bairro, as suas familiaridades, as suas proximidades e as suas distâncias. A interrogação sobre este aspeto da gentrificação ganha ainda mais interesse no contexto contemporâneo em que numerosos poderes se atribuem como objetivo combater o racismo, as discriminações, as desigualdades de género, e em que o horizonte político parece ser o de uma diferenciação sem hierarquia, com uma igualdade de direitos mas também com uma igual consideração simbólica. Para além desta finalidade poder ser justa ou não e das hipóteses relativas a cruzamentos harmoniosos que lhe estão implícitos, a questão dos fundamentos da alteridade ganha em ser novamente colocada. Ao postular que todo o cidadão é estrangeiro e, ao mesmo tempo, que se reconhece um entre os outros e se dá mais com uns do que com outros, e desde o momento em que se supõe que o processo de diferenciação - na base de qualquer espaço social e outra forma de dizer a alteridade - é posto à prova por este processo de gentrificação, não se poderia evitar um questionamento sobre

a pertinência dos recortes operados para captar a realidade social, sobretudo quando esta é susceptível de provocar co-presenças que não os justificam. Importa, como é evidente, debruçar-se tanto sobre a eventual redefinição das categorizações práticas feitas pelos cidadãos na sua vida quotidiana, encarando a transição da maneira como aqui foi evocada (entre espaços de primeira socialização, e os recortes diversamente interiorizados de acordo com os percursos sociais e as redes urbanas em que o indivíduo participa no bairro), como sobre as categorizações elaboradas pelo investigador de acordo com a sua orientação epistemológica. Esta exigência não é nova se tivermos em conta as abordagens que punham em primeiro plano o descentramento para evitar o etnocentrismo ou o evolucionismo. Mas a ideia de equipas mistas, como as que foram formadas por Bourdieu (Bourdieu, 2008), não deve levar-nos a pensar que a familiaridade seria suficiente. O “próximo” como o “distante” só se tornam categorias efetivas mediante a reflexão epistemológica que gera uma interrogação cruzada sobre os limites inerentes à posição de familiar e de estrangeiro, que seria certamente fácil de ultrapassar, mas à custa de uma longa experiência de aculturação.

As diferenciações entendidas no plano do espaço público também não deveriam escapar a este questionamento. O horizonte de uma não hierarquização acima evocada está logicamente expresso de acordo com as histórias nacionais e os contextos atuais. Os indivíduos, ou os coletivos, percebem o facto de forma diversa de acordo com as idades, as posições sociais, o género, as histórias familiares. É no entanto provável que, para muitos, se trate de uma recomposição no sentido em que as definições adquiridas durante a primeira socialização não encontram hoje uma confirmação plena. Situando-nos no contexto de Lille, as questões de alteridade são expressas a maior parte das vezes através das palavras étnico, cultural, frequentemente utilizadas para distinguir um grupo maioritário e um ou vários grupos minoritários supostamente diferentes, ou para falar de um bairro como Wazemmes. De forma mais ampla, na França dos anos 2010, fala-se de etnicidade para referir uma relação de herança de relações

dissimétricas no período colonial. Será mais fecundo falar de etnicização para sublinhar que as linhas de separação postas em prática pelos indivíduos resultam da socialização e da publicização. As distâncias e as proximidades são entendidas e ativadas pelas pessoas de acordo com as aprendizagens sociais em meios condicionados pelos debates no espaço público e na estrutura social em diferentes períodos. Assim, os indivíduos que viveram a sua infância no contexto colonial francês dos anos 1950-1960 não percebem Wazemmes da mesma maneira que os cidadãos educados nos bairros populares dos anos 1980 e que forma mais ou menos recetivos aos debates sobre os subúrbios. Em Fortaleza são mais as relações entre as classes médias/classes populares que funcionam como linha de demarcação. Expriem-se em parte na verticalização dos edifícios em detrimento de um habitat “horizontal” dos pobres, e numa urbanização por vezes sinónima de afastamento da pobreza. Podemos ver nisso uma imposição e uma extensão de normas de higiene dando continuidade a processos da primeira metade do século XX, a não ser que se retome a análise de Mary Douglas que sublinha o medo da “sujidade” do pobre e o receio da sua transmissão às classes médias (Douglas, 2001), nomeadamente quando se trata de crianças de rua que - apesar da sensível baixa do número dessas crianças em Fortaleza, os debates sobre a construção social de um fenómeno como este e a violência (real ou imaginária) de que são vítimas ou autoras - continuam a ser uma figura de repulsa. Este fenómeno verificável quer em França quer no Brasil, com dimensões diferentes, não está circunscrito aos espaços, prolongando-se na ação dedicada às populações com fracos recursos. Vemos isso, por exemplo, nas atividades culturais em que a disciplina dos corpos conta tanto como a atividade artística mobilizada no âmbito da ação social (Gosselin, 2011). Abordar deste modo, pelo lado da socialização, a questão da alteridade permite retomar um conjunto de interrogações cuja formulação em termos de imigração, de cultura, de interculturalidade, de multiculturalismo, suscita forçosamente algumas reservas. De outro modo corre-se o risco de retomar recortes instituídos, mormente pela referência ao Estado-Nação e à ou às cul-

turas que lhe são supostamente inerentes ou pela via de um socio-centrismo (o das classes médias). A abordagem da alteridade pela sua fabricação social retoma estas questões e deveria contribuir para afastar as supostas fixações relacionadas quer à tradição, quer à cultura. É a contextualização destes dois tempos, necessariamente arbitrários nas suas delimitações, o tempo da aprendizagem do mundo e o da experiência do mundo. Esta clivagem é, como é evidente, parcialmente artificial na medida em que nenhuma destas vertentes é exclusiva: a aprendizagem é igualmente uma experiência. Mas a idade e o estatuto limitam as margens de manobra que podemos imaginar mais alargadas no período dito adulto, nas nossas sociedades. É particularmente visível no que se refere às relações de género, mas também pela determinação da ação dedicada à dita integração das minorias, dos grupos sociais ou culturais mais ou menos manifestamente estigmatizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Authier Jean-Yves, Bidou-Zachariassen Catherine, «Editorial. La question de la gentrification urbaine», *Espaces et sociétés*, 2008/1, n° 132-133, p. 13-21.

Bassand Michel, Kaufmann Vincent, Joye Dominique, *Enjeux de la sociologie urbaine*, Lausanne, Presses polytechniques et universitaires romandes, 2007.

Bastide Roger, *Le prochain et le lointain*, Paris, L'Harmattan, 2000.

Blanc Maurice, «La rénovation urbaine: démolition ou patrimonialisation? Comparaison entre la France et l'Allemagne», *La Vie des idées*, 11 juin 2013. <http://www.laviedesidees.fr/La-renovation-urbaine-demolition.html>. Consulté le 2 juin 2014.

Bonnefous Bastien, «Les limites du “nouvel art de la ville” version Aubry. Alliant mixité sociale et redynamisation, les vastes projets urbains cachent des inégalités persistantes», *Le Monde*, 30 mai 2012.

Bourdieu Pierre, *La distinction: critique sociale du jugement*, Paris, Minuit, 1979.

_____. *Le sens pratique*, Paris, Minuit, 1980.

_____. *Esquisses algériennes. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine*, Paris, Le Seuil (Liber), 2008.

Bourdin Alain, «La “creative class” existe-t-elle?», *Revue Urbanisme*, n° 344, septembre-octobre 2005, <http://www.urbanisme.fr/issue/report.php?code=344#article238> consulté en ligne le 27 avril 2013.

Chamboredon Jean-Claude, Lemaire Madeleine, «Proximité spatiale et distance sociale. Les grands ensembles et leur peuplement», *Revue française de sociologie*, n° XI-1, 1970, p. 3-33.

Da Costa Moreira Clarissa, *Ville et devenir : Un portrait philosophique du devenir-village des métropoles*, Paris, L'Harmattan, 2009.

Douglas Mary, *De la souillure*, Paris, La Découverte, 2001.

Elias Norbert, *La société des individus*, Paris, Fayard, 1991.

Florida Richard, *The Rise of the Creative Class. And How It's Transforming Work, Leisure Community and Everyday Life*, Basic Books, 2002.

Gaudin Jean-Pierre, «“La cité reconstituée”. Techniques de planification urbaine et légitimités politiques au début du 20e siècle», *Revue française de science politique*, 35e année, n°1, 1985, pp. 91-110.

Glass Ruth, *Introduction to London : Aspects of Change*, London, Center for Urban Studies, 1963.

Gondim Linda, *O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna : cultura, patrimônio e imagem da cidade*, São Paulo, Annablume, 2007.

Gosselin Anne-Sophie, *La danse à l'école des pauvres. Projet politique d'intégration sociale des enfants des favelas. L'exemple d'une ONG à Fortaleza, Brésil*. Thèse de doctorat en Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives, sous la direction de Jacques Defrance et Sylvia Faure, Université Paris Ouest Nanterre, 2011.

Grafmeyer Yves, Joseph Isaac (eds), *L'école de Chicago, Naissance de l'écologie urbaine*. Aubier RES Champ urbain, 1984.

Hammouche Abdelhafid, *Politique de la ville et autorité d'intervention. Contribution à la sociologie des dispositifs d'action publique*, Lille, Presses Universitaires du Septentrion, 2012.

_____. «Valorização de bairros antigos e ressignificação da alteridade : o exemplo de Wazemmes em Lille», *Sociologia & antropologia*, vol. 3. n°5, janeiro-junho de 2013, p. 201-221.

Hannerz Ulf, *Explorer la ville*, Paris, Ed. Minuit, 1983.

Heinich Nathalie, *L'art contemporain exposé aux rejets*, Paris, Hachette Pluriel, 2009.

Jeudy Henri-Pierre, *Les usages sociaux de l'art*, Courtry, Circé, 1999.

Joseph Isaac, *Le passant Considérable. Essai sur la dispersion de l'espace public*, Librairie des Méridiens, Paris, 1984.

Jourdan **Silvère**, «Richard Florida, *Cities and the creative class*», *Méditerranée* [En ligne], 111 | 2008, mis en ligne le 01 juin 2010, consulté le 20 mai 2012.

Lustosa Costa Maria Clélia, *Le discours hygiéniste et la mise en ordre de l'espace urbain de Fortaleza, au Brésil*, Thèse de Doctorat Géographie, aménagement, urbanisme sous la direction de Hervé Théry, Université Sorbonne Nouvelle - Paris III, 2012.

Melo Ana Maria Barbosa Campelo de, *La planification stratégique et ses effets sur les métropoles. Analyse des expériences de Lille (France) et de Recife (Brésil)*, thèse sous la direction de Hélène Rivière D'Arc, Paris III, 2011.

Ponte Sebastião Rogério, *Fortaleza Belle Époque*, Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf Editora LTDA, 1993.

Sassen Saskia, *La globalisation. Une sociologie*, Paris, Gallimard, 2009.

Schnapper D., *La relation à l'autre. Au cœur de la pensée sociologique*, Paris, Gallimard, 1998.

Scott Allen J., «The Cultural Economy of Cities», *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 21, n° 2, 1997, p. 323-339.

_____. «Creative Cities: Conceptual Issues and Policy Questions», *Journal of Urban Affairs*, vol. 28, n° 1, 2006, p. 1-17.

Tissot Sylvie, *L'Etat et les quartiers. Genèse d'une catégorie de l'action publique*, Paris, Seuil, 2007.

Valladares Licia, *La favela d'un siècle à l'autre*, Paris, Editions de la MSH, coll. Horizons américains, 2006.

Vidal Sonia, *Politique culturelle territorialisée et transformations des «paysages» métropolitains : analyse comparée de l'action des Maisons Folies dans deux quartiers populaires de Lille*, doctorat en cours sous la direction de Abdelhafid Hammouche, Lille 1.

Weber Max, *La ville*, Paris, Aubier, 1982.



Wazemmes em Lille, fotografia Cidade de Lille

http://www.lille.fr/cms/accueil/decouvrir-lille/lille-venir-se-deplacer/plans_ville_lille



A Maison Folie de Wazemmes em Lille, Abdelhafid Hammouche, juin 2014



Mapa de Fortaleza com os distritos
<http://www.cartograf.fr/fortazela.php>

1 A Política da cidade em França.

A ação pública implica, como em todo o território francês diversas administrações e serviços do Estado, os da metrópole e os da cidade à escala de Lille. O bairro beneficia de dispositivos específicos suplementares (meios financeiros e equipas encarregadas de coordenar as intervenções) para a parte classificada como Zona Urbana Sensível (Z.U.S.) no âmbito do Contrato Urbano de Coesão Social (CUCS). As ZUS são espaços urbanos selecionados e delimitados de acordo com critérios sociais como a taxa de desemprego. As CUCS e as ZUS são instrumentos da política da cidade. Esta não se limita a uma cidade em particular mas está pensada a nível nacional para organizar o conjunto de intervenções dos poderes públicos sobre os subúrbios populares e mais raramente nas cidades-centro como é o caso de Wazemmes, quando estas acolhem populações vivendo situações sociais difíceis ou quando, elas são qualificadas, de forma mais abrangente, de zonas sensíveis ou de lugares para onde essas populações são relegadas. As múltiplas intervenções são reagrupadas por comunidade sob o intitulado de política da cidade e o termo subúrbio confunde-se por vezes com o de Zona a Urbanizar em Prioridade (ZUP). Definida pelo perímetro e o modo de ação, a política da cidade desenvolveu-se em primeiro lugar no registro do habitat e em seguida do acompanhamento social antes de ver multiplicar-se as ações culturais e artísticas. Para um maior desenvolvimento sobre esta política pública consultar o meu livro (Hammouche, 2012).

Em França, a palavra sensível está ligada, na terminologia oficial da política da cidade, à palavra bairro. Neste caso, indica uma espacialização dos problemas sociais que não deixa de suscitar fortes reservas. Coloca-se mais amplamente a questão dos enunciados: como pensar estas delimitações significadas em termos de bairro sensível, (ou de favelas, de bairros periféricos que nem sempre designam uma posição geográfica mas, na maior parte dos casos uma situação socio-económica dos habitantes - Bairro periférico - no Brasil por exemplo), ... e entender as designações contemporâneas da ação à procura de

uma legitimação junto de diversos atores de acordo com uma distância crítica? Deveremos dizer bairro gentrificado, eventualmente emblemático, espaços urbanos reconsiderados, para falar destas “extremidades” de cidade sem retomar as designações oficiais de bairros sensíveis requalificados etc. ...? Ou deveremos insistir na solidariedade das partes diferentemente dotadas em população e em recursos para problematizar a cidade como conjunto? Para o bairro enquanto categoria da ação pública ver a obra de Sylvie Tissot (Tissot, 2007), para as favelas enquanto construção social ver o trabalho de Licia Valladares (Valladares, 2006).

2 Metodologia do inquérito.

O inquérito que estou a realizar no bairro de Wazemmes começou em fevereiro de 2011 com observações regulares desde essa data e a identificação documental para um esboço da história do bairro e dos seus usos atuais. Vários habitantes foram contactados, levando em conta a composição das famílias e das suas histórias no bairro. 15 entrevistas semi-diretivas foram realizadas e debates realizados em conta a composição das famílias enquanto construídas e dotadas em populações aos debates sé ao momento (dezembro 2013). A investigação é enriquecida com vários inquéritos realizados sob a minha supervisão: o de Sonia Vidal *Politique culturelle territorialisée et transformations des «paysages» métropolitains: analyse comparée de l'action des Maisons Folies dans deux quartiers populaires de Lille*, (doutoramento em curso); o de Mathilde Vignier, *Approche sociologique de la Maison Folie de Wazemmes et ses publics*, Monografia de Master 2 Sociologie et Anthropologie des Enjeux Urbains, Université de Lille 1, 2012 ; o de Jeffrey Magnier, “*C’qu’il est blême mon HLM*” - *Décomposition des modalités d’appropriation de l’espace: l’exemple de la cité résidentialisée Magenta-Fombelle dans le quartier de Wazemmes*, Monografia de Master 1 Sociologie et Anthropologie des Enjeux Urbains, Université de Lille 1, 2012.

Artigo recebido em julho de 2014 / Aprovado em outubro de 2014